

***E DEUS SE FEZ CARNE NA  
NOSSA CULTURA:  
CRISTIANISMO AUTÊNTICO NO  
CONTEXTO ANGOLANO***

*AND GOD MADE FLESH IN OUR  
CULTURE: FOR AN AUTHENTIC  
CHRISTIANITY IN THE ANGOLAN  
CONTEXT*

***João André Florentino***

Mestrando em Teologia em Espaço Público – Faculdade Teológica Sul Americana (FTSA). Pós-graduando em Liderança e Gestão de Pessoas pela Universidade do Norte do Paraná (UNOPAR). Bacharel em Teologia – Faculdade Teológica Sul Americana (FTSA). Pastor da Igreja do Evangelho de Jesus Cristo em Angola. E-mail: joaoandreflorentino@gmail.com

**Resumo:** A implantação do cristianismo no contexto africano exerceu uma função na alienação da identidade cultural dos cristãos africanos, como produto do etnocentrismo que associava a Europa ao Evangelho. No segundo encontro do continente com o cristianismo a partir do século XVI, a apropriação indevida dos europeus ao cristianismo tornou-se normativa e formou o padrão da expansão do evangelho. Mas, essa conduta claramente desprezou o paradigma padrão da evangelização estabelecido pela comunidade cristã primitiva.

**Palavras-chave:** Teologia. Contextualidade. Inculturação. Cristianismo. África.

**Abstract:** The implantation of Christianity in the African context played a role in the alienation of the cultural identity of African Christians, as a product of the ethnocentrism that associated Europe with the Gospel. In the continent's second encounter with Christianity from the 16th century onwards, Europeans' misappropriation of Christianity became normative and formed the pattern of gospel expansion. But this conduct clearly flouted the standard paradigm of evangelism established by the early Christian community.

**Keywords:** Theology. Contextuality. Inculturation. Christianity. Africa.

## **Introdução – O paradigma fundamental para a evangelização**

No primeiro século, logo no início da expansão da fé cristã pelo mundo, os não judeus convertidos ao cristianismo, também chamados de “gentios”, experimentaram em primeira mão o que significa ser culturalmente alienado e ferido em nome de Cristo. Como foi o caso da Antioquia, comunidade em que Paulo e Barnabé lideravam. Onde um grupo de cristãos judeus alegava que para ser cristão, tinha que se tornar judeu – pelo menos culturalmente. Essa questão estava ameaçando limitar severamente, se não mesmo destruir por completo, a unidade e o

impacto universal do Evangelho, que o próprio Jesus propôs (Mc. 6:15, Lc. 14:23, Mt. 28:19-20, Atos 1:7-8).

A grande questão da igreja primitiva em Atos 15, e na carta de Paulo aos Gálatas, é sobre uma mentira teológica e pastoral. Alguns judeus, agora cristãos, defendiam a posição de que todos, incluindo os convertidos não judeus “gentios”, tinham que se submeter ao rito judaico da circuncisão e ser obrigados a observar a Lei mosaica como condição para o batismo válido. Esses “judaizantes” sustentavam que a salvação em Cristo dependia desse ritual religioso até então exclusivamente judaico (Atos 15:1-6).

A questão fundamental e crucial que se coloca aqui é se alguém tinha que se tornar um judeu para ser um cristão. Em outras palavras, que papel a identidade cultural de uma pessoa, por um lado, e seu caráter cristão, por outro, desempenham na aceitação da fé cristã? Enquanto Lucas – provavelmente por razões de deferência às sensibilidades judaico-cristãs da época – mantém vários costumes especificamente judaicos como também aplicáveis aos cristãos gentios, Paulo, escrevendo aos gálatas, pinta um quadro muito mais radical. Para o apóstolo, “absolutamente nenhuma condição [cultural] deveria ser imposta às congregações gentias” para o batismo ou para a conduta geral da vida cristã<sup>1</sup>. Tanto a narrativa do Lucas, assim como a de Paulo concordam, apesar dessas pequenas diferenças entre elas. Eles entendem que o Espírito Santo guiou a Igreja para chegar a uma solução para o problema. E a solução deliberada foi que, costumes culturais particulares, não devem ser impostos como requisitos para o batismo ou mesmo serem vistos como necessários para a salvação.

O que ameaçava o impacto universal do evangelho e limitava o corpo de Cristo no mundo, recebeu um bálsamo curador. Sem essa solução dada pelos apóstolos a essa realidade, teríamos duas consequências graves e duradouras: em primeiro lugar, os não-judeus não se sentiriam em casa na Igreja, e em segundo lugar, haveria “uma cisma” resultando em “duas classes de cristãos, os perfeitos que

---

<sup>1</sup> BROCKMAN, Norbert; PESANTINI, Umberto. *A History of the Catholic Church*. Nairobi: Paulines, 2004. p. 21.

---

observaram a Lei mosaica e o imperfeito que não o fez”<sup>2</sup>. Mas, pela ajuda do Espírito Santo, a igreja primitiva concluiu que a mensagem de Cristo não sustentava tais processos e estruturas divisórias e humilhantes.

### **As origens do cristianismo etnocêntrico**

A decisão do também chamado concílio de Jerusalém, imprimiu nas primeiras comunidades como normativo, o imperativo de aceitar as diferenças culturais na divulgação e aceitação das boas novas de Cristo. A resolução do concílio de Jerusalém em Atos 15 pode ser sintetizado na máxima atribuída ao teólogo luterano alemão Rupertus Meldenius no século XVII: “*unitatem in necessariis, in non necessariis libertatem, in omnibus caritatem*” (no essencial, unidade; em questões duvidosas [não essenciais], liberdade; em todas as coisas, caridade)”. A aceitação desta verdade na evangelização das culturas deve ser paradigmática. No entanto, historicamente não foi totalmente aderido, causando profunda alienação e estigma no cristianismo africano.

Uma série combinada de fatores levou a um modelo distorcido de evangelização no contexto africano. Os preconceitos conceituais, históricos, culturais, espirituais e econômicos europeus geralmente colocam os africanos nos degraus mais baixos da escada do desenvolvimento humano. Além de ferir profundamente esses povos, transformou a fé cristã na África em uma forma de reprodução e cópia, em última análise, sem raízes e sem alma. O cristianismo na África tornou-se uma religião aparentemente mais preocupada com a observação exterior de regulamentos e obrigações do que com convicção e mudança interior.

Após seu início na Palestina e cedo se espalhado nas partes do norte da África, o cristianismo se estendeu à Europa a partir do século VI, facilitado pela estabilidade política criada pelos impérios romano e bizantino (*Pax Romana*) a oeste e leste do Mediterrâneo. A liberdade dada pelo imperador Constantino no século IV tornou o cristianismo a religião oficial do Império e concedeu-lhe ampla supremacia

---

<sup>2</sup> BROCKMAN; PEScantini, 2004, p. 23.

social. Isso possibilitou a formação de estruturas cristãs nos doze séculos subsequentes e a consolidação do poder religioso cristão que a teologia procurou justificar com base nas Escrituras.

Cristianismo esteve muito tempo confinado na Europa, com pouca possibilidade de se expandir para o resto do mundo. Ganhou traços culturais dos quais vai ser difícil prescindir nos séculos vindouros. Muitas das doutrinas da Igreja que foram estabelecidas e ensinadas durante períodos posteriores assumiram os contextos e formas atuais da Europa. O cristianismo europeu, conseqüentemente, desenvolveu um senso de direito sobre a fé cristã em essência e aparência, na verdade, em última análise, “privatizando-a”. Entendeu-se que a expressão europeia do significado do evangelho desenvolvida na época era normativa universalmente. Arraigado dentro deles, os missionários da Europa espalharam essa ideologia por onde quer que fossem. Eles não admitiam outras expressões possíveis da fé; na verdade, como eles poderiam?

Ao invés de seguir o paradigma evangelização fundacional dos apóstolos e acomodação criteriosa de outras culturas, eles optaram pela imposição e ameaças teológicas e espirituais – ou mesmo por vezes violência física – como instrumentos de evangelização. Assim, além da mera submissão e imitação superficial, esse paradigma missionário europeu, tão hostil à diferença cultural, não permitiu que o cristianismo africano desenvolvesse sua autocompreensão específica em sua realidade física e social particular.

### **Consequências na Identidade Cristã Africana**

O autor Okot p'Bitek descreve a atitude pela qual os missionários cristãos europeus evangelizaram a África como “arrogante”. Tomando sua cultura como critério do Evangelho de Cristo, eles se consideravam representantes de uma civilização “superior” do que a que encontraram na África. Para os missionários, “os

valores e costumes ocidentais eram [...] idênticos à moral cristã”, condições necessárias da civilização<sup>3</sup>.

Quase todos os africanos eram estigmatizados. Consequentemente, a linguagem, os símbolos e os sinais usados na catequese cristã na África tornaram-se profundamente alienantes em muitos níveis. Igualar a negritude com o mal e a condenação, por exemplo, levou muitos convertidos africanos de pele escura a se considerarem inferiores e se odiarem. Para escapar da situação dos “malditos”, os africanos tentaram ao máximo se tornar como os missionários brancos. A educação escolar que as igrejas missionárias defendiam em todos os lugares complicou a situação ao instilar um estado de “pobreza antropológica”, despojando os povos africanos de tudo o que os tornava quem eram – “sua identidade, história, raízes étnicas, língua, cultura, fé, criatividade, dignidade, orgulho, ambições, direito de falar”<sup>4</sup>.

Com o tempo, a própria perspectiva mental dos africanos foi drasticamente alterada. Descartando gradualmente os valores da comunidade e da equidade humana embutidos em suas tradições socioreligiosas, a elite africana educada nas igrejas e missões, na sua maioria agora promoviam uma cultura de distinção de classe. Muitas vezes, eles rejeitavam a herança espiritual e religiosa africana e, em vez disso, assumiam indiscriminadamente o pensamento e o comportamento cultural europeu em nome da fé em Cristo.

A observação de Karl Marx sobre como o sistema econômico capitalista europeu envolve a desumanização das pessoas é muito relevante para a história da África. Além da prospecção de marfim, o sistema cometeu o pecado de “transformar [o continente] [...] em um viveiro para a caça comercial de peles-pretas”<sup>5</sup>. O comércio transatlântico de escravos – sem dúvida o capítulo mais hediondo e destrutivo da

---

<sup>3</sup> P'BITEK, Okot. *African Religions in Western Scholarship*. Nairobi: Kenya Literature Bureau, 1970. p. 54. (tradução própria)

<sup>4</sup> AKINADE, Akintunde E. The Crucible of Faith: Justice and Liberation in the Work of Engelbert Mveng. *Religions*, Doha, v. 2012, n. 2, p. 106-115, Dec. 2012. p. 108. DOI: <https://doi.org/10.5339/rels.2012.justice.17>. (tradução própria)

<sup>5</sup> DUNBAR-ORTIZ, Roxanne. *An Indigenous Peoples' History of the United States*. Boston: Beacon Press, 2014. p. 32. (tradução própria)

história da África – rejeitou a identidade dos africanos indígenas como seres humanos. No entanto, a ideologia foi por muito tempo totalmente apoiada pelas igrejas cristãs sob o pretexto de cristianizar e civilizar os “nativos”.

Os mercadores de escravos eram acompanhados em toda parte por ministros cristãos atuando como capelães ou guias espirituais. Nos portos de partida dos escravos da costa africana, os capelães – quando, por fim, as igrejas cristãs admitiram que os negros tinham almas resgatáveis – batizavam-nos em massa para salvá-los da condenação certa, que de outro modo lhes cabia. Além de serem objetos de comércio para os traficantes de escravos e de piedade espiritual para os capelães cristãos, os africanos indígenas não eram literalmente nada como seres humanos para os traficantes de escravos e depois para os colonizadores e imperialistas. O dano que isso infligiu ao senso de autoidentidade do africano é incalculável.

A elite instruída, como colaboradora mais próxima dos europeus no processo de alienação na África, constitui a “classe do comprador” dos imperialistas. Desde que substituíram os governantes coloniais na década de 1960 como líderes políticos e cívicos, eles cooperaram na promoção do processo de expropriação da África de seus recursos econômicos e culturais e subjugação do continente a interesses estrangeiros. Espiritualmente, eles continuam a fazê-lo sob a duvidosa bandeira da universalidade cristã. Mas, esses modelos unilaterais de existência, agora sustentados pela ideologia da globalização, servem apenas para traumatizar a dignidade africana. E ao minar muito da espiritualidade do povo africano, o cristianismo diminui a capacidade da África de desenvolver sua identidade como uma entidade política, econômica e social distinta, pela mesma razão.

### **Recuperação da Visão: A Cultura como Caminho para a Evangelização Autêntica**

Há muito tempo, os intelectuais políticos ocidentais estão bem cientes da centralidade da cultura no progresso humano, como indicam certas declarações atribuídas a alguns deles. Os sentimentos revelam uma técnica garantida para derrotar um povo e criar um império caucasiano. O procedimento envolve a

desapropriação das comunidades indígenas – os subalternos – de sua língua, seu sistema de educação, seus costumes, sua cultura, agravando ainda mais sua condição periférica. Em uma palavra, é necessário alienar as pessoas de si mesmas para moldá-las à imagem do conquistador. Conseqüentemente, em 1835, o inglês Lord Macaulay teria rigidido ao Parlamento com referência à Índia:

Eu não acho que nós [os britânicos] jamais conquistaríamos este país, a menos que quebrássemos a própria espinha dorsal desta nação, que é sua herança espiritual e cultural, e, portanto, proponho que substituamos seu antigo e antigo sistema educacional, sua cultura, pois se os índios pensarem que tudo o que é estrangeiro e inglês é bom e maior do que eles próprios, eles perderão sua autoestima, sua autocultura nativa e se tornarão o que nós queremos deles, uma nação verdadeiramente dominada.<sup>6</sup>

E referindo-se à Grécia moderna, o secretário de Estado dos EUA, Henry Kissinger, argumentou:

O povo grego é anárquico e difícil de domar. Por esta razão nós [os Estados Unidos] devemos penetrar profundamente em suas raízes culturais: talvez então possamos forçá-los a se conformar. Quero dizer, é claro, atacar sua língua, sua religião, suas reservas culturais e históricas, para que possamos neutralizar sua capacidade de se desenvolver, de se distinguir ou de prevalecer.<sup>7</sup>

Da maneira mais sinistra, essa estratégia foi aplicada à África tanto pelo colonialismo quanto pelo cristianismo, com o objetivo de extinguir a individualidade, a consciência da vida, do povo africano. Mas Jesus veio para mostrar o caminho para a plenitude da vida (João 10:10) para indivíduos e comunidades em todos os lugares, entidades que podem crescer na plenitude de quem são somente através do desenvolvimento de sua própria consciência. Cultura ou civilização implica, portanto, o processo de “fazer sentido” e “dar sentido”, uma característica de todas as comunidades humanas. Nenhuma comunidade é, nesse sentido, um vácuo espiritual, político ou econômico ou “tabua rasa”. Mas as comunidades indígenas africanas eram

---

<sup>6</sup> LORD MACAULAY'S ADDRESS to the British Parliament 2 February, 1835. Disponível em: <https://www.scribd.com/document/20097617/Lord-Macaulay-s-Address-to-the-British-Parliament-2-February-1835>. Acesso em: 12 set. 2021. (tradução própria)

<sup>7</sup> WHAT HENRY KISSINGER said about Greece. *Anton Dion*, 2013. Disponível em: <https://anton-dion.blogspot.com/2013/06/what-henry-kissinger-said-about-greece.html>. Acesso em: 12 set. 2021. (tradução própria)

percebidas como tal, onde missionários e colonizadores pretendiam escrever seus grandes roteiros.

O dano que isso causou à África é incalculável, pois, como Eugene Hillman elabora, bloqueou a construção da “identidade social, coesão e continuidade” das comunidades africanas, pois para qualquer comunidade o processo “depende da força de seus sistemas simbólicos [...] que contêm e comunicam os significados, valores, percepções, julgamentos, objetivos e visão de mundo comuns de uma sociedade”. Hillman está certo ao argumentar que, se essas “comunidades” forem suprimidas ou destruídas, como foram em vários graus na África, “as comunidades gradualmente desmoronam”. Eles “tornam-se progressivamente mais vulneráveis a manipuladores estrangeiros e ao emergente individualismo egoísta de seus próprios membros”<sup>8</sup>.

Na África, encabeçada por colonialistas e imperialistas europeus, bem como por missionários cristãos, cresceu e se espalhou o estereótipo de que os “significados” africanos são “bárbaros”, “selvagens”, “primitivos”, “animistas”, “fetichistas”, “tribais” etc. Eles estão sempre precisando de assistência europeia para transcender esses estados “subumanos” de existência. De uma forma ou de outra, tais presunções ainda existem; secreta ou abertamente, eles continuam a moldar os processos de socialização da África e as interações com outras comunidades humanas. O que a história mostra claramente, no entanto, é que essas suposições particulares e outras semelhantes são imposições que ferem profundamente o africano e clamam por cura a partir de dentro.

### **“Levante-se e Ande”: Aumentando a Liberdade do Jugo da Escravidão Cultural**

Quando a Igreja primitiva rejeitou a afirmação dos judaizantes de que a salvação dependia do ritual da circuncisão, argumentou especificamente que este seria um jugo muito pesado para os cristãos não-judeus suportarem; de fato, admitia que os próprios judeus consideravam a estrita adesão à Lei de Moisés um requisito quase impossível (Atos 15:9-11). O importante, concluiu a Igreja, era a fé em Jesus

---

<sup>8</sup> HILLMAN, Eugene. *Toward an African Christianity: Inculturation Applied*. New York: Paulist Press, 1993. p. 9. (tradução própria)

demonstrada de forma prática por meio de obras de amor e justiça. As implicações e exigências desta visão para a evangelização na África são de grande alcance; a profundidade que eles denotam para o cristianismo africano ainda não foi completamente capturada, apesar das conversas sobre inculturação.

A exigência tem a ver com a liberdade cultural radical no discipulado cristão, tal como Paulo define para a comunidade cristã da Galácia: “É para a liberdade que Cristo nos libertou. Permanecei firmes, pois, e não vos deixeis sobrecarregar de novo pelo jugo da escravidão” (Gl 5,1). O objetivo de Paulo aqui, de acordo com um comentarista, é “ênfaticamente enfatizar que os cristãos foram libertados das exigências da Lei. Para aqueles que colocaram sua fé em Cristo, a salvação não dependia mais da obediência aos requisitos da Lei [...] mas era um dom de Deus”<sup>9</sup>. Este dom divino pode ser experimentado e expresso através de qualquer forma cultural. Em termos de fé em Cristo, toda cultura é chamada a “levantar-se e andar”.

As igrejas cristãs agora reconhecem amplamente essa verdade, bem como a necessidade de transformar modelos alienantes de cristianismo. Uma referência pode ser feita aqui ao pedido de desculpas do Papa João Paulo II ao mundo cristão ao marcar o início do terceiro milênio. Refletindo sobre as anomalias históricas da evangelização cristã, ele descreveu certos períodos de trabalho missionário como “doloridos” e merecedores de “arrepentimento” da Igreja. Períodos que viram “a aquiescência dada [...] à intolerância e mesmo ao uso da violência a serviço da verdade [cristã]”, segundo o Papa, constituem um flagrante desrespeito ao fato de que “a verdade não pode se impor senão em virtude de sua própria verdade, pois conquista a mente com suavidade e poder”<sup>10</sup>. A Verdade de Cristo só pode enraizar-se através do encontro intercultural e do diálogo.

Já na década de 1960, o Papa Paulo VI fez um apelo direto aos bispos do continente africano para construir “um cristianismo africano” em termos de “linguagem

---

<sup>9</sup> WHAT DOES THE "yoke of slavery" refer to in Galatians 5:1? *E-Bible*, 2016. Disponível em: <https://ebible.com/questions/15996-what-does-the-yoke-of-slavery-refer-to-in-galatians-5-1>. Acesso em: 11 set. 2018. (tradução própria)

<sup>10</sup> JOÃO PAULO II. *Tertio Millennio Adveniente*. Vaticano, 10 nov.1994. n. 35. Disponível em: [https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost\\_letters/1994/documents/hf\\_jp-ii\\_apl\\_19941110\\_tertio-millennio-adveniente.html](https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost_letters/1994/documents/hf_jp-ii_apl_19941110_tertio-millennio-adveniente.html). Acesso em: 12 set. 2018.

e modo de manifestar” a fé única e universal em Cristo<sup>11</sup>. E, como afirmou mais tarde o Papa João Paulo II, a partir do período do Concílio de Jerusalém, “a Igreja abre as suas portas e torna-se a casa onde todos podem entrar e na qual todos podem sentir-se em casa, mantendo as suas culturas e tradições próprias, desde que não sejam contrárias ao Evangelho”<sup>12</sup>.

É por isso que recentemente o Papa Francisco achou necessário reiterar como paradigmático o modelo de evangelização estabelecido pelas primeiras comunidades cristãs. Ele destaca o fato de que “a diversidade cultural não é uma ameaça à unidade da Igreja”. Muito pelo contrário: através da diversidade cultural, o Espírito Santo trabalha para realizar a unidade “que nunca é uniformidade, mas uma harmonia multifacetada e convidativa”<sup>13</sup>. Como o Papa Francisco explica mais adiante,

Embora seja verdade que algumas culturas estiveram intimamente associadas à pregação do Evangelho e ao desenvolvimento do pensamento cristão, a mensagem revelada não se identifica com nenhuma delas; seu conteúdo é transcultural. Por isso, na evangelização de novas culturas, ou culturas que não receberam a mensagem cristã, não é essencial impor uma forma cultural específica, por mais bela ou antiga que seja, juntamente com o Evangelho.<sup>14</sup>

A consequência lógica do paradigma fundacional do Novo Testamento é clara para o Papa Francisco:

Não podemos exigir que os povos de todos os continentes, ao expressar sua fé cristã, imitem os modos de expressão que as nações europeias desenvolveram em um determinado momento de sua história, porque a fé não pode ser restrita aos limites de compreensão e expressão de qualquer cultura.<sup>15</sup>

---

<sup>11</sup> PAULO VI. *Homily of Paul VI*. Eucharistic Celebration at the conclusion of the Symposium organized by the Bishops of Africa. Kampala (Uganda), 31 jul. 1969. Disponível em: [https://w2.vatican.va/content/paul-vi/en/homilies/1969/documents/hf\\_p-vi\\_hom\\_19690731.html](https://w2.vatican.va/content/paul-vi/en/homilies/1969/documents/hf_p-vi_hom_19690731.html). Acesso em: 12 set. 2018.

<sup>12</sup> JOÃO PAULO II. *Redemptoris Missio*. Vaticano, 7 dez. 1990. n. 22. Disponível em: [https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf\\_jp-ii\\_enc\\_07121990\\_redemptoris-missio.html](https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf_jp-ii_enc_07121990_redemptoris-missio.html). Acesso em: 7 set. 2018.

<sup>13</sup> FRANCISCO. *Evangelii Gaudium*. Vaticano, 24 nov. 2013. n. 117. Disponível em: [http://w2.vatican.va/content/francesco/en/apost\\_exhortations/documents/papa-francesco\\_esortazione-ap\\_20131124\\_evangelii-gaudium.html](http://w2.vatican.va/content/francesco/en/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20131124_evangelii-gaudium.html). Acesso em: 7 set. 2018.

<sup>14</sup> FRANCISCO, 2013, n. 117.

<sup>15</sup> FRANCISCO, 2013, n. 117.

O modo etnocêntrico europeu de evangelização na África caiu nesse erro. Apoiado por um falso senso de superioridade, o cristianismo europeu projetou deliberadamente a cultura caucasiana como a única forma de expressar a mensagem cristã. Isso tornou o cristianismo na África superficial.

### **Considerações finais – Olhando para o futuro**

O euro-cristianismo em Angola não suportará o aumento da consciência pós-colonial emergente não apenas entre seus visionários e reformadores (muitos chamados de pan-africanista e afrocratas), mas, também, em um grau sem precedentes até agora no público em geral – e esse público é cada vez maior em Angola. A forma que o cristianismo do futuro deve tomar já estão sendo traçadas. As tradições religiosas de Angola, inseridas na(s) cultura(s) do país, são entendidas como parte integrante do patrimônio humano e, como tal, são tomadas como base indispensável para uma nova teologia e Igreja angolana.

A libertação cultural será, naturalmente, uma característica central do cristianismo reconstruído. Há consciência da diferença cultural, mas não da inferioridade. Como parte do corpo único de Cristo, a cultura africana tem um papel a desempenhar na interpretação e compreensão da mensagem inesgotável de Cristo, sem a qual essa compreensão será muito diminuída em detrimento da Igreja universal.

O contato com a cultura africana é ao mesmo tempo um encontro com a espiritualidade e a religião africanas onde se confirma a constatação “de que Deus agiu [aí] desde o início nos indivíduos, ordenando-lhes o instinto espiritual. Deus agiu [aí] desde o início em todo o corpo da cultura, penetrando-o com um universo sagrado. Deus agiu [aí] desde o início em seus mitos, depositando neles frequentemente sementes de verdade”<sup>16</sup>.

Com tal consciência, a Igreja africana de base deve armar-se com uma nova atitude, de proatividade. Disposta a aprender com os erros cometidos por outros na longa história do cristianismo, a Igreja na África deve aprender a arriscar: na formação

---

<sup>16</sup> SECRETARIATUS PRO NON-CHRISTIANIS. *Encontro com as Religiões Africanas*. Roma: Libreria Editrice Ancora, 1968. n. 10.

e interpretação da doutrina, na formação e estabelecimento de novos ministérios exigidos por suas próprias necessidades, e particularmente na celebração dos sinais da salvação. Se há uma coisa que a Igreja na África deve ignorar sem desculpas, é a humilhação que foi associada à realidade da identidade africana aqui. Descartar o estado de estigmatização internalizada é, absolutamente, o início da sabedoria.

Por mais de dois milênios, a graça de Deus preservou a presença divina na cultura africana, apesar dos esforços humanos insensatos para erradicá-la. Está provado que a missão de Deus transcende a Igreja e que nenhum poder terreno pode conter o Espírito divino. Encontrar a alma africana na cultura africana é encontrar Deus ali. Como o Papa Paulo VI declarou em 1964, “Toda religião nos eleva em direção ao Ser transcendente”<sup>17</sup>. A religião africana é, portanto, um caminho para Deus. Como acontece com toda a realidade humana (o “cristianismo” histórico não é exceção), a Palavra que é Jesus constitui sua excelência. É neste poder aperfeiçoador do Cristo que o olhar do cristianismo africano deve focar exclusivamente.

## Referências

AKINADE, Akintunde E. The Crucible of Faith: Justice and Liberation in the Work of Engelbert Mveng. *Religions*, Doha, v. 2012, n. 2, p. 106-115, Dec. 2012. DOI: <https://doi.org/10.5339/rels.2012.justice.17>.

BROCKMAN, Norbert; PESCONTINI, Umberto. *A History of the Catholic Church*. Nairobi: Paulines, 2004.

DUNBAR-ORTIZ, Roxanne. *An Indigenous Peoples' History of the United States*. Boston: Beacon Press, 2014.

FRANCISCO. *Evangelii Gaudium*. Vaticano, 24 nov. 2013. Disponível em: [http://w2.vatican.va/content/francesco/en/apost\\_exhortations/documents/papa-francesco\\_esortazione-ap\\_20131124\\_evangelii-gaudium.html](http://w2.vatican.va/content/francesco/en/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20131124_evangelii-gaudium.html). Acesso em: 7 set. 2018.

---

<sup>17</sup> SECRETARIATUS PRO NON-CHRISTIANIS. *Reunião*. Roma: Libreria Editrice Ancora, 1968. n. 123.

HILLMAN, Eugene. *Toward an African Christianity: Inculturation Applied*. New York: Paulist Press, 1993.

JOÃO PAULO II. *Redemptoris Missio*. Vaticano, 7 dez. 1990. Disponível em: [https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf\\_jp-ii\\_enc\\_07121990\\_redemptoris-missio.html](https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf_jp-ii_enc_07121990_redemptoris-missio.html). Acesso em: 7 set. 2018.

JOÃO PAULO II. *Tertio Millennio Adveniente*. Vaticano, 10 nov.1994. Disponível em: [https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost\\_letters/1994/documents/hf\\_jp-ii\\_apl\\_19941110\\_tertio-millennio-adveniente.html](https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost_letters/1994/documents/hf_jp-ii_apl_19941110_tertio-millennio-adveniente.html). Acesso em: 12 set. 2018.

LORD MACAULAY'S ADDRESS to the British Parliament 2 February, 1835. Disponível em: <https://www.scribd.com/document/20097617/Lord-Macaulay-s-Address-to-the-British-Parliament-2-February-1835>. Acesso em: 12 set. 2021.

PAULO VI. *Homily of Paul VI*. Eucharistic Celebration at the conclusion of the Symposium organized by the Bishops of Africa. Kampala (Uganda), 31 jul. 1969. Disponível em: [https://w2.vatican.va/content/paul-vi/en/homilies/1969/documents/hf\\_p-vi\\_hom\\_19690731.html](https://w2.vatican.va/content/paul-vi/en/homilies/1969/documents/hf_p-vi_hom_19690731.html). Acesso em: 12 set. 2018.

P'BITEK, Okot. *African Religions in Western Scholarship*. Nairobi: Kenya Literature Bureau, 1970.

SECRETARIATUS PRO NON-CHRISTIANIS. *Encontro com as Religiões Africanas*. Roma: Libreria Editrice Ancora, 1968.

SECRETARIATUS PRO NON-CHRISTIANIS. *Reunião*. Roma: Libreria Editrice Ancora, 1968.

WHAT DOES THE "yoke of slavery" refer to in Galatians 5:1? *E-Bible*, 2016. Disponível em: <https://ebible.com/questions/15996-what-does-the-yoke-of-slavery-refer-to-in-galatians-5-1>. Acesso em: 11 set. 2018.

WHAT HENRY KISSINGER said about Greece. *Anton Dion*, 2013. Disponível em: <https://anton-dion.blogspot.com/2013/06/what-henry-kissinger-said-about-greece.html>. Acesso em: 12 set. 2021.